



Bichas pretas: pegações, afetos e sociabilidade nas periferias do Rio de Janeiro e Porto Velho

Marcio Caetano¹

Paulo Melgaço da Silva Junior²

Tarciso Manfrenatti de Souza Teixeira³

Wilson Guilherme Dias Pereira⁴

¹ Pós-doutor em Currículo e Narrativas Audiovisuais, com apoio do PNPd-CAPES, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Coordenador do Centro de Memória LGBTI João Antônio Mascarenhas (UFPEL/FURG/UFES/UFOB). Graduado em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com mestrado e doutorado em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente na Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Colaborador no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

² Pós-doutor em Educação pela UFRJ sob orientação do Prof. Dr. Antônio Flávio Moreira. Doutor em Educação pela UFRJ (2014). Professor da SME Duque de Caxias, professor e pesquisador da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa pertencente à Fundação Teatro Municipal do Rio de Janeiro e docente colaborador do PPGEAC – UNIRIO. Atua principalmente nos seguintes temas: currículo, cotidiano escola, educação fundamental, orientação sexual, sexualidades, masculinidades, artes e dança.

³ Doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e professor de Línguas Portuguesa e Inglesa na Rede Pública de Educação do Estado e Município do Rio de Janeiro. Membro do Laboratório de Estudos de Gênero, Educação e Sexualidades (LEGESEX) e pesquisa os seguintes temas: educação e relações étnico-raciais; masculinidades; população LGBT; estudos decoloniais e cotidiano escolar.

⁴ Graduando em Direito pela Faculdade Interamericana de Porto Velho; Estagiário de Direito no Ministério Público do Trabalho; Assessor Estadual de Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes na Secretaria de Estado de Assistência e do Desenvolvimento Social - SEAS/Rondônia (2016-2019); Presidente do Conselho Estadual dos Direitos da Criança e do Adolescente de Rondônia (2019); Conselheiro Estadual de Direitos Humanos (2019); Conselheiro Estadual de Desporto e Lazer - CONEDEL (2018-2019); Membro do Grupo de Pesquisa e Ativista Audre Lorde da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).

RESUMO

Este artigo se propõe a refletir sobre as interações sociais de bichas pretas nas periferias de duas cidades brasileiras: Rio de Janeiro, RJ e Porto Velho, RO. Para tanto, buscamos no referencial teórico dos Estudos das Masculinidades em suas intersecções com raça e classe social, os elementos para analisar os dados produzidos a partir de observações participantes carregadas de nossas formulações pessoais e fruto de experiências vividas ao longo dos anos de 2019 e 2020. Deste modo, pensar nas bichas pretas a partir das masculinidades significa contestar padrões e regulações dos sentidos essencializados de ser homem e abrir possibilidades de se conhecer espaços de sociabilidade.

Palavras-chave: raça, masculinidades, classe social, periferias.

ABSTRACT: This article aims to reflect on the social interactions of black fagots in the peripheries of two Brazilian cities: Rio de Janeiro (RJ) and Porto Velho (RO). For this purpose, we sought the elements to analyze the data produced from participant observations loaded with our personal formulations and the result of experiences lived over the years 2019 and 2020 in the theoretical framework of the Studies of Masculinities at their intersections with race and social class. In this way, thinking about black fags from black masculinities means contesting patterns and regulations of the essentialized senses of being a man and opening up possibilities of knowing sociability spaces.

Keywords: race. masculinities. social class. peripheries.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre las interacciones sociales de los maricones negros en las periferias de dos ciudades brasileñas: Río de Janeiro, RJ y Porto Velho, RO. Para ello, se buscó en el marco teórico de los Estudios de Masculinidades en sus intersecciones con raza y clase social, los elementos para analizar los datos producidos a partir de las observaciones de los participantes cargados con nuestras formulaciones personales y el resultado de las experiencias vividas durante los años 2019 y 2020. De esta manera, pensar en maricones negros desde masculinidades significa cuestionar patrones y regulaciones de los sentidos esencializados del ser hombre y abrir posibilidades de conocer espacios de sociabilidad.

Palabras-clave: raza. masculinidades. clase social. Periferias

Conhecendo espaços

“Bixistranha, loka preta da favela
Quando ela tá passando todos riem da cara dela
Mas, se liga macho, presta muita atenção
Senta e observa a sua destruição
Que eu sou uma bixa loka preta favelada

Quicando eu vou passar e ninguém mais vai dar risada

E se tu for esperto, pode logo perceber [...]"

Bicha Preta, Linn da Quebrada (2017).

As bichas pretas, da música de Linn da Quebrada, são tematizadas na epígrafe escolhida para iniciarmos nosso texto e nos mostrar que elas causam, chocam e colocam em questão o senso comum, principalmente, as expectativas criadas em relação à masculinidade negra. Das favelas aos centros urbanos e das periferias urbanas às capitais, as bichas pretas estão presentes. Elas ocupam todos espaços de sociabilidades. Assim, nossa proposta é caminhar pelas ruas de duas cidades deste país e com as bichas pretas perceber a sua presença. O que as bichas pretas e os espaços de pegação podem nos ensinar?

Para alguns, orientados por determinados interesses, caminhar pelas ruas das cidades, especialmente à noite, é como percorrer infindáveis corredores de vitrines atrás do que é possível consumir por trás dos vidros invisíveis que demonstram objetos de infinitos tamanhos, diâmetros e formatos. Durante as caminhadas nas ruas e vielas das cidades, algumas oportunidades são ofertadas, sobretudo para aqueles sujeitos que, interessados em algo rápido e discreto, contam com apoio de especialistas na arte da sedução. Esse parece ser o objetivo do jogo imaginário nas vielas e ruas da cidade em que as *pegações* e redes de sociabilidades ocorrem. Todos desejam ocupar-se da *clientela visual* dessas vitrines que exalam desejo e tentação.

Mesmo a solidão, promovida pela impessoalidade das relações, o coleguismo e o zelo sedem espaços para corpos desejosos por prazer. O resultado que se almeja na cidade que não é vista pela cidade é o de que todos que ali transitam consumam o que desejam e realizem os seus interesses. É possível que nem todos sejam consumidores ou mesmo os consumidores não sejam consumidos pelos consumidores; restará, então, viver das sobras na tentativa de atravessar as fronteiras sociais configuradas e desconfiguradas nas redes de sociabilidades ou no mercado afetivo da pegação.

Ao considerarmos o contrassenso que a cidade iluminada esconde, este artigo tem como objetivo principal revisitar criticamente as experiências de pegação em redes de sociabilidades vividas em espaços de convívio nas periferias das cidades de Porto Velho (RO) e Rio de Janeiro (RJ). Tentamos, com isso, vislumbrar os percursos, limites, táticas, inserções

e sociabilidades construídas pelos sujeitos para se tornarem desejados no mercado afetivo-sexual. Para tanto, foram realizadas observações, conversas informais e descrições de espaços das cidades onde ocorreram as cenas de sociabilidades. Buscamos realizar uma investigação a partir do cotidiano das experiências descritas, evitando, com isso, formulações generalizantes sobre o tema. Privilegiaremos nossas interpretações sobre as interações e as experiências. O trabalho aproximou-se ao de um ensaio de pesquisa inspirado nas observações participantes, carregado de nossas formulações pessoais, fruto de experiências vividas e de leituras realizadas ao longo dos anos de 2019 e 2020.

Inspiramo-nos nas observações participantes conjugadas com conversas informais, sem roteiros ou intencionalidades prévias, como forma de pesquisa que encarou as experiências pessoais, neste caso, a dos autores – em uma perspectiva interacionista conectada às dimensões cultural, social, pedagógica e política com os demais sujeitos do campo investigado. As experiências, ainda que narradas em primeira pessoa e ressignificadas a partir daquele que as narra, dão conta de contextos culturais coletivos em que estão implicados fazeres educativos que interpelaram os corpos e lhes ensinaram formas de ocupar os espaços. As pesquisas participantes parecem romper com as fronteiras entre *sujeito-pesquisador* e *objeto-pesquisado* tornando *sujeito-objeto* o próprio *fazer-saber* da pesquisa.

Com essa escolha metodológica, não queremos apenas *fazer-pensar* uma outra forma de *escrita-pesquisa*, mas também queremos provocar o pensamento sobre educação informal. Em inúmeros momentos nos deparamos com a indagação: o que é educação? A educação seria a mesma coisa que escola? Diante das perguntas, é possível dizer que não existe uma posição unificada acerca dessas questões, exatamente porque a educação se constitui como algo abrangente produzido com e a partir das relações humanas e dos humanos, em condições cognitivas, com os demais elementos do ambiente. Mas o fato que parece consenso é que:

[...] ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1985, p. 7).

Ao considerarmos a afirmação do autor, entendemos que a educação ultrapassa os limites do ambiente escolar porque estamos, a todos os instantes da vida, realizando atos que produzem aprendizagens a partir de nossas experiências. Por meio da educação, desenvolvemos a capacidade e a potencialidade de “conhecer” e “experimentar”. Mas algo interpela essas dimensões e é central à construção do conhecimento e da experiência: o processo. Nesse sentido, a educação não se limita ou se alcança quando se ultrapassa a linha de chegada, estando suas dimensões constituídas ao longo de seu processo. No processo, encontram-se a dinamicidade de interações e ações entre os sujeitos, os grupos e demais elementos do ambiente, o que faz do processo um mecanismo capaz de produzir inúmeras experiências sociais. Assim, a educação pode ser caracterizada pela formalidade e informalidade de suas ações e experiências. Informalmente, o processo educacional ocorre no cotidiano das pessoas e de suas relações com o ambiente. As ações e as experiências cotidianas e informais manifestam processos educacionais, muitas vezes sem intencionalidades, mas sempre carregadas de princípios e conhecimentos. Já no processo formal, caracterizada pelo seu planejamento, ocorre, sobretudo, mediada pela instituição escolar. A escola torna-se o espaço privilegiado para o processo formal educativo porque nela, em princípio, não haveria espaço para a informalidade. Nesse ambiente, o processo educativo é planejado para resultar em interesses e valores expressos e valorizados pela sociedade para serem universalizados.

Ao considerarmos o quadro expresso sobre os processos da educação formal e informal, praticaremos um verdadeiro exercício nômade e de andar ziguezagueante, entre o mostrar-se e esconder-se, pelas penumbras e luzes, das vielas, ruas, boates, banheiros e tantos outros possíveis locais de pegação a fim de extrair da clandestinidade um saber inerente a essas práticas educativas. Dessa maneira, com as observações participantes conectadas a conversas informais, buscamos a interlocução com experiências vividas nas ruas e vielas em que transitavam homens em busca de pegação. Ao priorizarmos essas experiências, buscamos *produzir-pensar* juntos e, através do encontro e da conversa, algumas possibilidades de nos reinventarmos por meio das palavras que nos circundam e que compartilhamos, fazendo com que reflitamos sobre os marcadores sociais de raça, gênero, sexualidade, regionalidade e classe.

Corpos e interseccionalidades

Oyèrónké Oyêwùmí (1997), ao refletir sobre a racionalidade ocidental, afirma que suas bases se encontram fundamentadas no determinismo biológico. Para a autora, a biologia medeia o destino e tem sido o marco inicial do pensamento ocidental, buscando orientar as posições sociais experimentadas pelos corpos. Graças a noções biologicamente orientadas, as diferenças e as hierarquias se organizam. Dessa forma, Oyêwùmí dirá:

A noção de sociedade que emerge dessa concepção é a de que a sociedade é constituída pelo corpo e como corpo – corpos masculinos, corpos femininos, corpos judeus, corpos arianos, corpos negros, corpos brancos, corpos ricos, corpos pobres. Eu estou usando a palavra “corpo” de duas formas: a primeira como metáfora da biologia, e a segunda para chamar a atenção do aspecto puramente físico que parece estar presente na cultura ocidental. Eu me refiro ao corpo físico tanto quanto às metáforas do corpo. E dado ao corpo uma lógica própria. (OYÊWÚMI, 2018, p. 307).

Sendo assim, através do aspecto visual, os sujeitos e os grupos sociais são orientados a ocupar posições e espaços sociais. Seus corpos individuais e coletivos tornam-se critérios para classificá-los e posicioná-los na sociedade. Dessa maneira, a presença ou a ausência de determinados órgãos sexuais, a exemplo de pênis ou vagina, irá fabricar um tipo específico de subjetividade: masculina ou feminina e, a partir disso, construir discursos e práticas. Lembrando que a biologia se constitui como a base central em que a cultura (con)forma o corpo em torno da raça e do gênero, propomos analisar as maneiras como as masculinidades vão se instituindo em práticas informais de educação no jogo de sedução apresentados em espaços de pegação nas periferias das cidades do Rio de Janeiro e de Porto Velho. Nesse sentido, podemos pensar os marcadores desses corpos como práticas diárias de engajamento nas quais se busca enquadrar ou rejeitar as normas sociais e que são construídas e reconstruídas continuamente para torná-los inteligíveis nos espaços de “sexo clandestino”, como se caracteriza a pegação.

Nos estudos de Oliveira (2012; 2015), Garcia (2009) e de Souza (2012), a pegação está inserida em um jogo zigzagueante entre a insinuação e a provocação, até chegar ao convite sexual entre sujeitos desconhecidos, envolvidos em encontros rápidos, fugidios e efêmeros. Assim, os encontros sexuais não passam de um simples episódio em que todos os envolvidos

devem estar preparados para ser descartados ou não usados no jogo contínuo de sedução. Constrói-se, dessa maneira, o banimento dos sentimentos históricos românticos em torno do sexo. Essa situação ocorre ao se acreditar que quando se tenta retirar o acaso ou inesperado da vida, retira-se, imprescindivelmente, o que há de mais sublime no sexo: o prazer.

A pegação, portanto, se caracteriza como uma tentativa de sair da solidão de corpos desejosos por encontros, sem que, para isso, necessitem entrar na zona de instabilidade que pode assumir a relação conjugal. Obviamente que, quando não se criam expectativas no outro, quando se vive a pegação, dificilmente haverá decepção. Mas, se não se espera ou se espera e se está aberto ao que vem, talvez isso não se torne um momento fugaz. Não existem *scripts* que determinem a pegação, mas é preciso estar preparado para o que delas resultam, se se deseja sair de suas experiências sem dores subjetivas e objetivas incômodas. Esses pontos, talvez, sejam aqueles em que residam os ensinamentos das práticas educativas informais apresentadas na pegação. Os jogos de sedução presentes na pegação criam laços que podem deixar os envolvidos vulneráveis ou sem desejo. Isso porque as coisas acontecem no terreno do inexplicável, quando estão envolvidos dois corpos masculinos que se unificam em torno das redes de significados expressas no pênis ereto ofertado pela mão que o bolina no mercado sexual.

Pensar as masculinidades enquanto enunciações performativas pluralizadas implica reconhecê-las em inúmeros sentidos possíveis. Dessa forma, as masculinidades performativas podem contribuir para problematizar as normas regulatórias de gênero que buscam construir inteligibilidades. Existem inúmeras possibilidades e referências de masculinidades. Elas são socialmente hierarquizadas e vão da masculinidade hegemônica ou normativa até as masculinidades subordinadas ou dissidentes. Destacamos que o conceito de masculinidade hegemônica foi cunhado por Connell (1995; 2016) para se referir a um modelo específico e idealizado de masculinidade que cria em torno de si uma série de regras e restrições para referenciar e efetivar pertencimentos a grupos de homens. Essa lógica enfatiza expectativas aos homens em suas redes de relações de poder, ressaltando seus privilégios e deveres nas estruturas patriarcais e estabelecendo uma hierarquia entre elas.

Em contraponto à masculinidade hegemônica, O'Donnell e Sharp (2002) nos apresentam as masculinidades subordinadas. Já Connell (1995; 2016), as masculinidades marginalizadas. E Silva Junior e Brito (2018), as masculinidades dissidentes. Em síntese,

independente da categoria, para esses autores, as masculinidades subordinadas, marginalizadas ou dissidentes seriam aquelas que não correspondem, na maioria do tempo e em suas inúmeras redes de sociabilidades, às normas hegemônicas, ou seja, expressam aquelas performatividades masculinas que são produzidas e mediadas pela opressão e marginalização. Os sujeitos, aqui, são marcados como abjetos, inferiores e possuem suas identidades relacionadas ao feminino.

Por esse caminhar, Barnad (2004) nos ensina que as questões de masculinidades, sexualidades, gênero, raça e classe social não podem ser dissociadas, uma vez que devemos olhar para o sujeito como um todo e não apenas por um ângulo de suas subjetividades e marcas socioculturais. As subjetividades devem ser trabalhadas na perspectiva da interseccionalidade. Destacamos que o conceito de interseccionalidade, cunhado por Kimberlé Crenshaw, nos permitiu trabalhar a intersecção entre diversas áreas do conhecimento dos estudos de gênero, das relações étnico-raciais ao multiculturalismo. Segundo a autora, a interseccionalidade dos termos ganha adequação para a realidade social brasileira. Nesse sentido, uma compreensão desses processos que se inter-relacionam torna-se indispensável para uma melhor reflexão e atuação dos diversos segmentos da sociedade que buscam consolidar a democracia a partir da redução das desigualdades de gênero e raça (CRENSHAW, 2004)

Nessa perspectiva, bailando no jogo das interseccionalidades (CAETANO; TEIXEIRA; SILVA JUNIOR, 2019), pensar em raça significa pensar em uma abstração, uma ficção útil e fantasiosa (MBEMBE, 2014). Segundo o autor, esse conceito foi instrumentalizado para nomear as humanidades não europeias, como se fossem um ser menor, reflexo do homem ideal branco europeu. “O Negro é, na ordem da modernidade, o único de todos os humanos cuja carne foi transformada em coisa, e o espírito em mercadoria” (MBEMBE, 2014, p. 19). Nesse sentido, o conceito de raça serviu para hierarquizar os povos e justificar a opressão e hierarquização. A partir dessa análise, Quijano (2005) cunhou o conceito de colonialidade do poder: partindo da relação histórica responsável pela classificação e pela reclassificação das pessoas do planeta e levando-se em conta a categoria “raça” como forma de controle social e desenvolvimento do capitalismo mundial. É relevante refletir que, se o termo negro é uma invenção eurocêntrica (MBEMBE, 2014), o branco também o é, porém, essa invenção marca os privilégios e a hegemonia racial. Dessa forma, a branquitude se constrói em relação às

outras raças, ela desumaniza vidas não-brancas e se afirma como única forma possível de humanidade.

Ao interseccionalizar raça e masculinidades, Fanon (2018) afirma que o sistema de colonialismo trouxe sérias consequências psicológicas entre homens negros que buscaram encontrar sua posição de reconhecimento entre uma cultura que, de um lado, os inferioriza e, por outro, os valoriza como macho viril. Teixeira (2017), ao interseccionalizar raça e masculinidades no contexto da periferia do Rio de Janeiro, alicerçado em Fanon (2018), afirma que a construção do *negão* é ancorada na ideia do homem negro forte, viril, hipersexualizado, com pênis hiperdimensionado. Em contrapartida, enquanto uma masculinidade dissidente, pois evocam um “não-lugar”, temos as bichas pretas que desterritorializam a masculinidade hegemônica do homem negro, o *negão*. Segundo Silva Junior, Goulart e Caetano (2016, p. 18):

A ideia de “negão” encontra-se na valorização de determinada virilidade e masculinidade projetada na exibição e valorização do falo, na performance sexual, na exposição de músculos e de força. Esses elementos são capazes de garantir, no ideal dos/das estudantes, a proteção e a condução androcêntrica afetivo-sexual e determinada superioridade frente a masculinidades brancas na localidade. Vale destacar que as dimensões econômicas não assumem centralidade nessas relações exatamente porque os poderes aquisitivos entre os membros da localidade não são díspares.

Na contramão do *negão*, a *bicha preta* emerge da desqualificação, do pecado, da anormalidade, do crime, conforme salienta Oliveira (2017), ganhando, com isso, a rejeição do mercado afetivo-sexual gay e no universo negro. Ela não é suficientemente *macho* para ser *negão* e, ao mesmo tempo, é demasiadamente desqualificada para ser gay. Ela é como o “outro do outro” (RIBEIRO, 2019). Dessa forma, há uma grande diferença entre ser gay e bicha-preta. Sendo assim, a bicha-preta nega a cidadania branco-cêntrica do universo gay burguês, ao zombar, com seu corpo, das determinações e posições performativas do *negão* no jogo sexual. “A pecadora endiabrada, a criminosa perigosa, a imoral desenfreada, a doente, a escandalosa, a louca, enfim a bicha, é acusada de queimar o filme dos gays bem-comportados” (OLIVEIRA, 2017, p. 106).

Ao pensarmos no que nos provocam Oliveira (2017) e Silva Junior, Goulart e Caetano (2016), a crítica de Oyêwùmí à lógica ocidental ganha ainda mais força, ao pensá-la alicerçada

em um privilégio do visual sobre os demais sentidos. Estamos querendo destacar que há outras formas de pensar com os demais sentidos, por isso, a autora nigeriana trabalha com a ideia da “cosmoperspectiva”, ampliando a ideia de cosmovisão, tão consagrada em nossa sociedade.

Entre o porto e o rio: narrativas, espaços de sociabilidade e masculinidades dissidentes

Narrativa #1 – Cropped modelado de forma proposital

Ser gay afeminada em Porto Velho é um desafio. É estar todo dia com o tridente do capeta posto no seu pescoço. Ser gay/bicha, aqui ou em qualquer lugar do nosso país, ainda é estar o tempo todo em um não lugar. Mas, mesmo com medo eu não abandono minha essência e quem sou, assim, eu cubro meu *cropped*, saio linda nas ruas e quando chego em um lugar que me sinta mais seguro, me descubro, linda com meu *cropped* modelado, é uma rebeldia sabe, é mostrar que eu não irei deitar pra macho algum, é enfrentar o sistema, se rebelar contra os dogmas, a ignorância, as violências simbólicas e até mesmo físicas. A gay afeminada afronta, porque as pessoas querem ver ela no armário que eles construíram, então estamos todos os dias arrebatando esses armários, enfrentando toda a lógica heteronormativa, claro que tudo isso tem um preço, né gata, pagamos com a solidão, a rejeição nos olhares atravessados e uma disputa contínua para sermos aceitos e percebidos de forma digna nos espaços, na verdade tudo isso só me faz pensar que somos meio que alienígenas da sociedade, e eles – os héteros e os gays padrão – parecem dizer o tempo todo que não estão prontos e nem dispostos a receber este corpo transcendental e livre. Mana, e tem mais, quando se é uma bicha preta afeminada, super afrontosa como eu, percebe-se logo o olhar do estranhamento, que te vê como um alienígena, esse olhar que não te enxerga como pessoa, é o “o que é isso?!”. É a famosa expressão: “Além de preto, é viado!” As pessoas, mesmo sem ter consciência disso, relacionam o homem preto, macho, o negão, como o pegador, heterossexual, que sai passando o pau em todo mundo. Não conseguem enxergar o preto como sendo gay, ou pior, como bicha. Então, a conjunção ser bicha preta afeminada é uma total aberração (Minerva).

Com a narrativa de Minerva que abrimos esse subtítulo, partimos dos pressupostos de que as categorias associadas à cor/raça, sexualidades e gênero são produções marcadas pela cultura e são articuladas e hierarquizadas de maneira a envolver as dimensões semânticas e pragmáticas da sociedade, as marcações da diferença apresentadas na narrativa podem ser entendidas como componentes-chaves de sistema de classificação que orienta a apresentação pública e as redes que se instituem na pegação e a sociabilidade (CAETANO, 2016).

Nas dinâmicas mediadas pelas categorias apresentadas na narrativa, as pessoas e seus comportamentos ganham significados, ou seja, são socialmente produzidos, sendo-lhes atribuídas diferentes posições no sistema classificatório em que se organizou a cidade de Porto Velho, por exemplo. As categorias apresentadas operam sobre a dupla função de se definir e, ao realizar essa atividade, estabelecer os limites da outra. Assim sendo, as categorias mediadas pela sexualidade e pela performatividade de gênero inscrevem-se marcadas pelas matrizes de cor/raça, tornando-se uma linguagem capaz de expressar as hierarquias e as desigualdades sociais estabelecidas na sociedade. A classificação, portanto, opera um processo educativo poderoso no qual os sujeitos são levados a se reconhecerem em determinadas identidades.

Entre tantas possibilidades, elegemos debater as dimensões raciais apresentadas na narrativa sobre a experiência porto-velhense. Ela nos ajuda a entender o quanto a masculinidade negra no Brasil foi construída a partir da estrutura falocêntrica, destacando aquilo que Silva Junior, Caetano, Goulart (2016) irão caracterizar como macho viril e sexualmente potente sempre capaz à reprodução e à proteção em uma lógica desqualificadora. Na expressão “além de preto é viado”, verificamos quanto o negro foi transformado em coisa (MBEMBE, 2014) e como a colonialidade do poder (QUIJANO, 2005) forjou a construção da subjetividade do homem negro que reconstruiu a masculinidade buscando hierarquizar positivamente aquilo que o desumanizou no passado, ou seja, o potencial de seu falo (pênis) e sua força. Contudo, é importante refletir como essa masculinidade negra (dita heterossexual e normativa) acaba por negar ou subalternizar outras possibilidades de masculinidades negras. Acreditamos que um dos motivadores dessa negação dos homens negros pode estar relacionado à sua própria incontinência sexual e à necessidade de reforçar as relações de poder e virilidade construídas pela ideia do negão

Nesse sentido, a ideia da bicha preta desestabiliza e coloca em xeque esse modelo de masculinidade. Como afirma Oliveira (2017), ser gay/bicha é estar o tempo todo em um não lugar, modelado de forma proposital. Em Porto Velho, é um ato ainda maior de rebeldia e resistência diária, é o enfrentamento de dogmas, ignorância, violências simbólicas e físicas, como é possível constatar no relato. Ao refletirmos sobre o que Jorge nos narra, verificamos que ser gay/bicha afeminada é um processo árduo. Para a saída diária do armário, é necessário enfrentar a sociedade heteronormativa vivenciando perenemente a solidão e a disputa

continua para ser aceito e recebido nos espaços. Eles parecem dizer que não estão prontos e nem dispostos a receber o corpo transcendental e livre da bicha.

A estruturação da masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995; 2016) na construção das relações e afetos homossexuais é agravada ao se unir com a matriz racialidade e poder, que, de acordo com Barnad (2004), não são matrizes que possam ser vistas de forma distante e dissociada, o que faz com que a bicha preta afeminada seja tida como muito mais estranha e bizarra que a branca afeminada, já que o papel do homem negro é o ativo, malandro, cafuçu, dentre outros adjetivos, dados para demarcar o gay negro dentro da funcionalidade do negão.

Narrativa #2 – Pegação entre banheiros e darkrooms

Em uma outra conversa com Jorge, por vídeo chamada, estava mais um amigo carioca, Agbala, nós falamos sobre os “lugares de pegação”, os lugares “clandestinos”. Jorge disse que, em Rondônia, os ditos espaços clandestinos para relações sexuais estão todos em zonas próximas ao centro e em sua grande maioria, para acesso é necessário um meio de transporte particular, o que de certo modo dificulta a existência de gays/bichas pobres e periféricas nesses espaços. Além de ser muito comum a presença de homens que se declaram heterossexuais e possuem relação conjugal com mulheres, os ditos “pai da família tradicional”. Aqui no Rio, também, esse fato acontece muito, seja nas escadarias dos shoppings, nos banheiros de lanchonetes, de galerias comerciais e de rodoviárias sempre encontramos os homens “pais de família”, os negões, os gays e as bichas. Lembrei da minha adolescência, adorava frequentar um banheiro, em Madureira, Zona Norte, da cidade do Rio de Janeiro. O circuito de pegação era assim: putaria nos banheiros do shopping até às 22h, depois que o shopping fechava; a ferveção continuava na boate. Não interessa se é no Rio de Janeiro ou em Rondônia, ao longo de nossa conversa, percebemos que há o desejo pelo corpo e performance da masculinidade hegemônica e a repulsa aos afeminados, sendo, estes inclusive humilhados. As bichas ficam numa situação somente sexual, conforme me relatou Jorge: “Eles só querem fuder o cu da bicha”. O sexo para a bicha, nessa situação – e talvez até em outras – é o único encontro possível. Ao ouvir isso, Agbala logo se colocou na conversa, dizendo: “Viado, para mim isso não existe. Sou afeminada, mulher, mas sei comer. Às vezes, eu como uns boys”. Jorge, no decorrer da conversa, relatou ainda que “Ao invés deles virem até aqui, eu tenho que ir até lá, a gente tem que se sujeitar a ir até lá, para que haja alguma coisa, porque existe este preconceito, néh, por estarmos em uma zona periférica” (Phebo).

Na narrativa apresentada de Phebo, vemos o aspecto performativo nos espaços de sociabilidade e de pegação que estão relacionados com a sua capacidade de reinvenção e de reinterpretção, conforme destaca Oliveira (2015). Essa capacidade plástica está presente no

banheirão descrito por nossos interlocutores. Às quartas-feiras, à noite, o espaço ganha uma reinterpretação por parte de seus usuários. Segundo Oliveira (2015) e Souza (2012), os banheirões se convertem em verdadeiras “vitrines dos pênis”, visto que, através da arquitetura dos mictórios, o pênis fica exposto em público para ser visto, em oposição à bunda e ao ânus que ficam reclusos, talvez, à espera de convites ou preservando intocável a masculinidade. Para muitos que giram nessa lógica *pegativa*, a fragilidade imposta à masculinidade pelo ato de dar cu o torna menos valorado no mercado afetivo-sexual e a situação tende a aumentar, quando o prazer anal o marca como bicha e/ou viado. Para muitos, ser sempre “ativo” e girar o sexo em torno de seu pênis é a tática adotada para manter emasculada sua masculinidade.

Dessa forma, dentro do circuito de sociabilidade de pegação apresentado pelos nossos interlocutores, eles se utilizam do banheirão como uma verdadeira “vitrine dos pênis”. Ele serve de palco para o falocentrismo, denotando, assim, esse jogo ziguezagueante de se mostrar e de se esconder da pegação, ou seja, mostram, apreciam e escolhem o pênis/parceiro que, depois, ficará escondido pela penumbra e pela escuridão das ruas, vielas, terrenos baldios, boates e seus *darkrooms* ou motéis da cidade⁵.

Se, em uma primeira instância, os espaços de pegação servem como espaço de sociabilidade entre homens; em um segundo momento, nos banheirões, também vemos a performatividade das masculinidades traçando as fronteiras entre as masculinidades hegemônicas (CONNELL, 2016) e as dissidentes (SILVA JUNIOR; BRITO, 2018). Assim, dentro de um mesmo banheirão ou de *lugares clandestinos*, teremos várias masculinidades em jogo. Como vimos na narrativa, temos os homens *pai de família*, *os negões*, *os gays*, *as bichas afeminadas*, *as bichas pretas*, identidades que são produzidas por meio da materialidade dos corpos, através do jogo performativo entre ativo e passivo e entre as táticas de uso do pênis e do ânus.

Como já foi visto nas narrativas, tanto os homens *pai de família* quanto os *negões* e os gays são vistos dentro da performance hegemônica de masculinidade: sujeitos homens, másculos, com *jeito de homem*, dominadores, pegadores/ativos; contudo, as bichas

⁵ Existe uma intensa rede educativa, protagonizada pelos movimentos sociais, que alertam para o perigo a integridade física, psicológica e patrimonial de se levar para casa parceiros sexuais ocasionais desconhecidos.

afeminadas são inseridas em uma subcategoria da masculinidade, pois, sendo colocadas à sombra da feminização e da performance sexual de serem passivos, serão *o outro*.

Conforme salienta Oliveira (2012; 2015) e Souza (2012), no jogo performativo das masculinidades, o pênis fica exposto à apreciação e à negociação enquanto instrumento de prazer, porém, o ânus deve ficar contido e restrito. Dessa maneira, as bichas afeminadas, por deixarem clara a sua predileção por *dar o cu*, fazem com que o ânus entre em concorrência direta com o pênis. Assim, a masculinidade hegemônica, como não aceita competição, sentencia que elas tenham que *ir à caça*, sendo elas que devem ir *catar o boy*. Além disso, seja em Rondônia ou no Rio de Janeiro, as bichas pretas afeminadas serão deixadas de lado, por quebrarem com o fetiche da imagem do negro viril, o negão pegador. Dessa maneira, algumas bichas pretas afeminadas como Agdala, que se vê como um pegador, mesmo se declarando uma bicha preta afeminada, vemos que o jogo performativo entre ser ativo ou passivo, macho ou afeminado é algo fluido.

Como vimos, o pênis não se rende. Ele continuará lá, ereto, exposto, à disposição do prazer, portanto, são as bichas que devem ir até ele, conforme relatam os interlocutores da narrativa. Assim, a masculinidade hegemônica e o falo as subalternizam, as clandestinizam, conforme salienta Oliveira (2017), além de fazer com que elas entrem em uma “zona periférica”, dentro de um “lugar clandestino”, ratificando a sua posição de ser o “outro do outro” (RIBEIRO, 2019).

A diversidade presente nos espaços de pegação abre possibilidade de parcerias entre diferentes configurações, sejam elas mediadas em termos de idade, cor/raça, performatividade de gênero ou desejo. É recorrente, por conta disso, a representação de determinados espaços como lugares em que se pode encontrar a companhia de homens para sexo homossexual casual com grande facilidade. No imaginário hegemônico, essas áreas, ainda que expressem o desejo de sociabilidade em muitos homens que se relacionam sexualmente com outros homens, também são encaradas como espaços de promiscuidade e proclamam termos depreciativos em torno das relações sexuais.

A prática de buscar por parceiros sexuais nos espaços reconhecidos como de pegação, por parte das bichas pretas, referem-se não somente à emergência de performatividades sexuais, mas de outras configurações de espaços sociais na contemporaneidade. Para tanto,

torna-se necessário pôr em debate perspectivas sobre o espaço, sexualidade, raça, classe e gênero que ainda os tornam categorias representativas ao universo socioantropocêntrico, mas que isoladamente não dão conta de problematizar as experiências vividas e narradas neste texto.

Considerações finais

A epígrafe que emoldura este texto nos permite refletir sobre o potencial da educação. Assim, uma das questões que estiveram implícitas ao longo deste texto foi o que podemos aprender com as pegações, o sexo clandestino entre homens em duas cidades localizadas em diferentes estados. Nesse sentido, podemos destacar como as questões raciais, as múltiplas masculinidades, o nível socioeconômico, as características físicas, a idade são colocadas em questão e ao tempo hierarquizadas.

Uma dificuldade em pensar experiências emergentes entre a intersecção de raça, classe e sexualidade está vinculada aos usos de novas tecnologias que levam ao uso de concepções mais sofisticadas sobre a arte do encontro nas cidades. As práticas de pegação não são um reflexo ou transposição das práticas afetivas que buscam a conjugalidade afetivo-sexual como princípio orientador. Seguindo tais perspectivas acerca da “pegação”, percebe-se que o aspecto subversivo da prática remete a alianças com culturas eróticas em espaços públicos. Essas experiências criam outras cartografias no seio dos dispositivos de normalização nos espaços-tempos da cidade, vez que, entre o dia e a noite, tudo é possível para aqueles que entendem os limites e códigos da pegação. A clivagem das fronteiras entre público e privado e o jogo sexual que se estabelece no trânsito pela cidade introduzem diferenciais na epistemologia em torno das identidades que necessitariam ser revisitadas.

Neste texto, ao considerarmos o contrassenso que a cidade iluminada esconde, propusemos visitar criticamente as experiências vividas por alguns de seus autores nos espaços de sociabilidades de pegação nas periferias das cidades de Porto Velho, RO, e Rio de Janeiro, RJ. Tentamos, como isso, vislumbrar os percursos, limites, táticas, inserções e sociabilidades construídas pelos sujeitos para se tornarem desejados no mercado afetivo-sexual. Mais do que presumir a fixidez das formas do espaço, do tempo, do sexo e da

sexualidade, compreendemos que as dinâmicas vividas funcionaram de modo fluido, hibridizando as formas conjugais da contemporaneidade. Com as narrativas sobre as pegações o que se apreende é uma produção do espaço pelos movimentos de seus usuários. Os corpos e os espaços na pegação se tornam porosos, na velocidade em que informações ativam e desativam corpos e espaços para a interação sexual.

Referências

BARNARD, Ian. **Queer race**. Nova York: Lang, 2004.

BRANDÃO, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: Abril Cultura & Brasiliense, 1985.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV. AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília, DF: UNIFEM. 2004

CAETANO, Marcio, TEIXEIRA, Tarciso.; SILVA JUNIOR, Paulo. Bichas pretas e negões: seus fazeres curriculares em escolas das periferias. **Revista Teias**. v. 20, n. 59, pp. 39-55 out/dez 2019.

CAETANO, Marcio. **Performatividades Reguladas**: heteronormatividade, narrativas biográficas e educação. Curitiba: Appris, 2016.

CONNELL, Raewyn W. **Políticas de masculinidade**. Educação e Realidade, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995.

CONNELL, Raewyn W. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2018.

GARCIA, Estebán Andrés. Políticas e prazeres dos fluidos masculinos: *barebacking*, esportes de risco e terrorismo biológico. In: DÍAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira & FIGARI, Carlos Eduardo (Org.). **Prazeres Dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

MBEMBE, Achile. **Crítica da razão negra**. Portugal: Antígona, 2014.

O`DONNELL, Mike.; SHARP, Sue. **Uncertain Masculinities**. Londres: Routledge, 2002.

OLIVEIRA, Tiago. Preto e Pobre, duplamente marginal: etnografando homens no contexto da pegação em João Pessoa, PB. In: **VI Colóquio Internacional de Ciências Sociais**, 2012, Natal. Anais do IV Ciclo de Estudos em Ciências Sociais da UFRN, 2012. v. 1. p. 1-14.

OLIVEIRA, Tiago.; NASCIMENTO, Simone. **Corpo aberto, rua sem saída**. Cartografia da pegação em João Pessoa. Sexualidad, Salud y Sociedad. RJ, p. 44-66, 2015.

OLIVEIRA, Megg. **O diabo em forma de gente: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **The invention of women: making an African sense of western gender discourses**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (eds). The African Philosophy Reader**. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de wanderson flor do nascimento.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Conselho Latino-americano de Ciências Sociais - CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Suely Carneiro; Polén, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias dos Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; BRITO, Leandro. **Masculinidades performativas no contexto escolar: entre regulações, tensões e subversões**. Revista Áskesis v.7 n.1 pp 26 -38 Jan./Jun. 2018.

SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço; CAETANO, Marcio; GOULART, Treyce. Famílias, masculinidades e racialidades na escola: provocações queer e decoloniais. Revista da

FAEEBA. Educação e Contemporaneidade. **Revista da FAEEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 127-143, jan./abr. 2016

SOUZA, Tedson da Silva. **“Fazer banheiro”**: a dinâmica das interações homoeróticas nos sanitários públicos de Salvador. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

TEIXEIRA, Tarciso Mafrenatti. Por uma (r)existência bicha na educação: narrativas (auto)biográficas de bichas pretas faveladas. In: **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Salvador: Realize, v. 1, 2017.